

"Acredito que a Ponte JK conseguiu realinhar, no setor de pontes, a arquitetura e a engenharia nacionais com a vanguarda mundial"

Alexandre Chan,  
idealizador do monumento.

» JOÃO PAULO RESENDE  
ESPECIAL PARA O CORREIO

**A** beleza da construção encanta quem passa pelo local. De vários pontos distintos da cidade, os três imponentes arcos podem ser vistos. O que era para encurtar caminhos acabou virando ponto turístico. De um lado, a área central de Brasília, do outro o Lago Sul, área nobre da capital. Projetada para suportar fluxos rotineiros de automóveis, as curvas da Ponte Juscelino Kubitschek surpreendem tanto que muitos preferem deixar os carros em casa para atravessá-la de bicicleta ou a pé. Tudo só para admirá-la.

O projeto é audacioso. A estrutura é sustentada por cabos de aço ligados a três arcos de 720 toneladas cada. São 60 metros de altura, o equivalente a um prédio de 20 andares. A ideia dos arquitetos era retratar o movimento de uma pedra quicando sobre o espelho d'água. Deu certo. A obra ganhou inúmeros prêmios nacionais e internacionais na área de construção civil. Em 2003 ostentou, inclusive, o título de ponte mais bela do mundo.

"A Ponte JK já está consagrada pelos técnicos especializados, pela população que a utiliza e pelos turistas que a visitam. Os problemas recentes da construção devem-se à falta de manutenção regular, inclusive a preditiva. É o que vemos nas obras públicas em geral: são construídas e não recebem os cuidados necessários", ressalta Haroldo Pinheiro, presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil no Distrito Federal (IAB-DF) na época da construção da ponte.

Foi necessária muita habilidade para executar a fundação do monumento. São quatro blocos de apoio estrutural, todos localizados abaixo do nível da água. A fundação consumiu 40 mil metros cúbicos de concreto. Quantidade suficiente para construir cerca de 33 prédios de seis pavimentos cada. E mais: todos os equipamentos de apoio da construção tiveram que ser fabricados às margens do Lago Paranoá. Era

Fotos: Gustavo Moreno/CB/D.A Press



"(...) A ponte não é de concreto, não é de ferro  
Não é de cimento  
A ponte é até onde vai o meu pensamento  
A ponte não é para ir nem pra voltar  
A ponte é somente pra atravessar  
Caminhar sobre as águas desse momento (...)"

Por Lenine e Lula Queiroga

inviável transportá-los até a capital.

A instalação da Ponte JK no coração do Brasil só reforçou a imagem de Brasília como ícone mundial da arquitetura moderna. Responsabilidade do arquiteto carioca Alexandre Chan, idealizador do projeto. A estrutura de

1,2km de cumprimento por 24 metros de largura encurtou em pelo menos 15 quilômetros as viagens para o fim do Lago Sul, São Sebastião e Paranoá. São menos horas no trânsito e mais tempo com a família.

E não pense que apenas quem precisa

usar a ponte diariamente foi beneficiado pela construção. O monumento afetou positivamente todo o trânsito de Brasília. As pessoas passaram a consumir menos combustível e, consequentemente, os índices de poluição atmosférica caíram. "O que prejudica é o sofrível tratamento dado à via de acesso a Ponte JK. Não há desenho e paisagismo adequados para uma avenida daquela importância. As vias de acesso a partir das asas Sul e Norte também não são adequadas, o que resulta no excessivo carregamento do trânsito", explica Pinheiro.

Ao todo, foram dois anos e meio de obras. Mil homens trabalharam na construção do novo cartão-postal da capital, em três turnos ininterruptos. Até que, em 15 de dezembro de 2002, uma grande festa foi organizada para inau-

gurar a ponte. Hoje, oito anos após o evento, a estrutura ainda cumpre sua principal função: oferecer conforto e comodidade aos moradores de Brasília.

## Memória

Para que as obras da Ponte JK fossem concluídas, foram gastos R\$ 186 milhões, quatro vezes o valor previsto no primeiro orçamento do projeto. A cifra chamou a atenção do Ministério Público, que acusou o então governador Joaquim Roriz de desvio de recursos e superfaturamento de materiais. Técnicos do Tribunal de Contas do Distrito Federal constataram preços até 500% mais caros que o valor de mercado. Ninguém foi condenado e o dinheiro não voltou aos cofres públicos.